



TORTURA, RETRATO EM BRANCO E PRETO

Frei Betto

fbetto@uol.com.br

No período em que estive encarcerado como preso político (1969-1973), o principal torturador era o delegado Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979), chefe do Esquadrão da Morte. Seus olhos de águia, inoculados de ódio, eram quase líquidos. Ao torturar tornavam-se salientes, marcados por rubras e finas estrias. A cabeça redonda assemelhava-se a uma bola a equilibrar-se sobre o corpanzil. O tronco avolumado não tinha a flacidez dos obesos; antes, dava a impressão de que, por dentro da pele, a estrutura óssea era suficientemente dilatada para ocupar todos os espaços. As bochechas alargavam o rosto, e o nariz era diminutamente desproporcional ao desenho oval da face. Os cabelos, crespos e ralos, ficavam cuidadosamente fixados para imprimir-lhe aparência asseada. As mãos, gigantes, traziam dedos arredondados, e o tom grave da voz acentuava-lhe o modo impositivo de falar.

Seu pai, médico necropsista da polícia, morreu em consequência de doença contraída após autópsia em um preso. Quem sabe no inconsciente de Fleury soasse continuamente o alarme de que todo preso é o assassino de seu pai; como tal, merece ser severamente punido. De nossos encontros não guardo a imagem de um policial; mais se assemelhava a um personagem sádico de filme de terror, como se o sofrimento alheio, aliado à humilhação, lhe causasse prazer orgástico. Não perdia tempo em inquirir ou investigar; seu cartão de visitas era a dor. Utilizava os instrumentos de tortura como um cirurgião equipado para abrir, sem anestesia, as entranhas do paciente e extrair o tumor. A seus olhos cada prisioneiro portava o vírus capaz de ameaçar a segurança nacional, contaminando o corpo social. Antes que a peste se espalhe, urge arrancá-lo a ferro e fogo. Se o prisioneiro resistisse com o seu

silêncio, Fleury passava dos métodos “científicos” – pau-de-arara, choque elétrico, afogamento – aos brutais: arrancava unhas com alicate, furava o tímpano, cegava um olho, castrava. Nesses casos, quase sempre matava. O único silêncio que não lhe irritava os ouvidos nem lhe instigava a prepotência era o da morte.

II

A tortura tem por objetivos arrancar informações e degradar o prisioneiro. Encerra métodos eficazes: humilha a vítima, antagoniza o corpo ao espírito, opõe em campos opostos a sua dor e o seu ideal. Obriga-a a ser testemunha de seu opróbrio. Reduz o humano à abjeta condição de verme. Mergulha-o num oceano de terror cujas margens ignora. Não há boia de salvação nem se consegue nadar. O naufrágio é inevitável. A diferença é que, em vez de água, há sangue, fezes, urina. Virado ao avesso, o organismo exhibe as vísceras.

O torturador esquece facilmente. Embotado pelo ofício, é como o carrasco que, insensível, apaga da memória o número e o semblante de suas vítimas. O torturado jamais esquece. Sua resistência reside na memória. Esta não pode se apagar. Não se trata de reter a lembrança da dor guardada no pote de mágoa. Nesse caso, a vingança é inútil, pode-se punir um torturador, jamais a tortura. Por isso a memória da dor é subversiva. Cria o desconforto, desmascara os cínicos, mantém acesa a tocha da Justiça. É o grito permanentemente parado no ar. Não o grito da vítima espancada, mas da indignação, da reafirmação do humano, da negação do terror. Grito que silencia o horror.

III

Nas celas entupidas de prisioneiros, a perplexidade dos peixes na rede tentavam rever em que momento e por que motivo nos deixamos apanhar. Palavras recriavam a vida militante. A ação abstraía-se em conceitos, a razão recusava-se a acreditar no xeque-mate do absurdo. Entre interrogatórios e torturas, longas discussões.

Toda a tragédia do passado exige o resgate da racionalidade presente, à semelhança da mágoa de um coração traído. As alegrias não; têm gosto de futuro. Na prisão, o futuro é exíguo: a proximidade da morte ou longos anos de cárcere. Moças e

rapazes faziam a terrível experiência da liberdade abortada. O aluvião de propósitos revolucionários retido em corpos adolescentes, irremediavelmente confinados entre quatro paredes. No entanto, não havia desespero. Lá fora, outros prosseguiram. E era um alívio sobreviver, malgrado o preço a pagar. Centenas de jovens tragados pela voracidade repressiva do regime militar. Ainda que hoje se descarte o mero revanchismo, cada choque elétrico imprimia uma seqüela no mínimo moral. E toda degradação moral é substancialmente uma questão política; de justiça, sobretudo.

“Fulano, subir!” – era o grito que mais nos assustava. O preso convocado era retirado das galerias subterrâneas, escuras e frias, e conduzido às salas de tortura. Expostos ali se encontravam cavaletes, máquinas de choque elétrico, fios, borrachas, cordas, porretes, sal e balde. Redivivo, um inquisidor medieval que ali entrasse duvidaria da distância entre os séculos. Ali apurava-se “a verdade” sobre os “crimes” políticos.

IV

Impossível prever as consequências de torturas físicas e psicológicas na vida de uma pessoa. Isso foi estudado pelo psiquiatra Franz Fanon; na guerra da Argélia, ele tratou tanto de torturados quanto de torturadores. Seu livro *Os condenados da terra* ocupava a topo da lista de *best-sellers* do presídio, lugar disputado com *O incêndio do Reichstag*, de Georgi Dimitrov, depoimento político do suposto autor do incêndio do parlamento alemão, em 1933, crime perpetrado pelos próprios nazistas e atribuído aos comunistas para favorecer a ascensão de Hitler.

A tortura no regime militar brasileiro era sistêmica; suas diretrizes haviam sido definidas pelo Conselho de Segurança Nacional. Portanto, não derivava de abusos. Os agentes do DOI-Codi usavam codinomes, trajes civis e eram impedidos de corte militar dos cabelos. Atuavam em grupos de três a cinco, e seus endereços ficavam preservados. As atitudes de todos os investigados constavam de uma ficha sintética de múltipla escolha que lhes definia o perfil ideológico: simpatizante, esquerdista, comunista etc. Na ficha havia avaliação de caráter, capacidade profissional e inteligência. Prática de homossexualismo era considerada “desvio sexual” e forte indício de ser comunista...

V

Na prisão, vê-se a vida como o negativo de uma foto; não a revelação em cores sob o jogo de luz que muitas vezes cria falsa imagem do real, mas o que é diretamente captado do real e nele é plenamente visível. Rasgam-se as fantasias quando a tortura nos faz pressentir a morte. Descobre-se o homem interior em toda a sua plenitude, enquanto o homem exterior permanece confinado a um pequeno espaço. Então se compreende que a vida se tece de poucas necessidades e alguns valores essenciais.

A prisão ensina a diferença entre urgência e importância, essencial e fundamental, bens finitos e infinitos.

VI

O que leva o ser humano a barbarizar o semelhante? Não é o ódio a causa primeira. Ódio é um sentimento que se sustenta no fio afetivo que liga duas pessoas. O torturador tem, por sua vítima, a mesma postura que nutre por um inseto. São seres dessemelhantes. A raiz, acredito, reside na convicção de que, comparado ao torturado, o torturador se considera um ser superior. É livre e o outro, prisioneiro; age em nome da lei, e o outro é desprovido de direitos; é a mão de ferro do Estado, e o outro, um esbulho que não merece ser considerado humano; é o poder, e o outro, um verme. Essa convicção justifica a indiferença de quem ergue o pé e esmaga uma barata, como bem descreve Kafka em *A metamorfose*.

VII

A luta por direitos humanos passa necessariamente pelo fim da desigualdade social. Enquanto houver disparidade econômica haverá tortura. Mas não é apenas a diferença financeira e patrimonial que funda a desigualdade social. Acresce-se a ela a diferença de funções sociais. Aquele que detém o poder se julga acima daqueles que não dispõem da mesma condição.

Assim como o dinheiro, o poder fetichiza a pessoa. Não apenas aquela que o detém, mas também quem dele é desprovido. O oprimido encara o opressor revestido de uma aura que o torna intocável. Isso explica por que ditadores se movem despreocupados e seguros entre homens armados encarregados de protegê-los. O

fetichismo cega os subalternos, assim como soldados vão à guerra sem consciência dos motivos que animam aqueles que, preservados de todo perigo, se ocupam de comandá-los.

Assim, o fim da tortura e do desrespeito aos direitos humanos em geral está associado à conquista da democracia participativa, na qual impere a isonomia política e econômica. Enquanto não forem niveladas as condições de existência dos seres humanos, haverá quem, do alto do degrau que o distancia de seus semelhantes, encare o outro como ser inferior e, portanto, passível de ser humilhado, oprimido, excluído, discriminado, torturado ou assassinado.

Frei Betto é escritor, autor de “Batismo de sangue” e “Diário de Fernando – nos cárceres da ditadura militar brasileira” (editados pela Rocco), e “Cartas da prisão” (Companhia das Letras). E-mail: fbetto@uol.com.br

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

BETTO. Frei. Tortura, Retrato em Branco e Preto. **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”**. Rio de Janeiro, nº. 12, pp. 168-172, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.33657

